

SIMON SEBAG MONTEFIORE

Jerusalém

A biografia

Tradução

Berilo Vargas e

George Schlesinger



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Simon Sebag Montefiore

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Jerusalem: The Biography

Capa

Darren Haggart

Imagem da capa

Jerusalém, em sua grandeza, gravada por Charles Mottram (1807-76), 1860.

After Henry Courtney Selous/ The Bridgeman Art Library/ Getty Images

Preparação

Oswaldo Tagliavini Filho

Revisão

Carmen T. S. Costa

Ana Maria Barbosa

Marise Leal

Os editores agradecem a Luiz Sérgio Nogueira Pinto pela colaboração em trechos da tradução.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Sebag Montefiore, Simon

Jerusalém: a biografia / Simon Sebag Montefiore; tradução Berilo Vargas e George Schlesinger. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Título original: Jerusalem: The Biography.

Bibliografia.

ISBN 978-85-359-2247-9

1. Jerusalém – Descrição 2. Jerusalém – História I. Título.

I3-01441

CDD-956.9442

Índice para catálogo sistemático:

1. Jerusalém : História 956.9442

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Lista de árvores genealógicas e mapas	13
Prefácio	15
Notas sobre nomes, transliterações e títulos	27
Prólogo	31
I. JUDAÍSMO	
1. O mundo de Davi	47
2. A ascensão de Davi	53
3. O reino e o Templo	56
4. Os reis de Judá	66
5. A Prostituta da Babilônia	77
6. Os persas	84
7. Os macedônios	90
8. Os macabeus	104
9. Chegam os romanos	111
10. Os Herodes	119
11. Jesus Cristo	138

12. O último dos Herodes	156
13. Guerras judaicas: a morte de Jerusalém	169
II. PAGANISMO	
14. Aelia Capitolina	179
III. CRISTIANISMO	
15. O apogeu de Bizâncio	197
16. O crepúsculo dos bizantinos: invasão persa	214
IV. ISLÃ	
17. A conquista árabe	229
18. Os omíadas: o Templo restaurado	240
19. Os abássidas: mestres distantes	251
20. Os fatímidas: tolerância e loucura	256
V. CRUZADA	
21. A matança	273
22. A ascensão do Outremer	284
23. A era de ouro do Outremer	290
24. Impasse	303
25. O rei leproso	313
26. Saladino	320
27. A Terceira Cruzada: Saladino e Ricardo	332
28. A dinastia de Saladino	339
VI. MAMELUCOS	
29. De escravo a sultão	355
30. O declínio dos mamelucos	364
VII. OTOMANOS	
31. A magnificência de Suleiman	375
32. Místicos e messias	379
33. As famílias	395

VIII. IMPÉRIO

34. Napoleão na Terra Santa	407
35. Os novos românticos: Chateaubriand e Disraeli	412
36. A conquista albanesa	421
37. Os evangelistas	427
38. A Cidade Nova	449
39. A nova religião	454
40. Cidade árabe, cidade imperial	461
41. Russos	471

IX. SIONISMO

42. O Kaiser	481
43. O tocador de <i>oud</i> de Jerusalém	491
44. Guerra Mundial	505
45. Revolta Árabe, Declaração Balfour	514
46. O presente de Natal	531
47. Os vitoriosos e os despojos	544
48. O Mandato britânico	553
49. A Revolta Árabe	568
50. A guerra suja	582
51. Independência judaica, catástrofe árabe	599
52. Dividida	608
53. Seis Dias	616

Epílogo	627
---------------	-----

ÁRVORES GENEALÓGICAS

Os macabeus: reis e sumo sacerdotes, 160-37 a.C.	657
Os Herodes, 37 a.C.-100 d.C.	658
O Profeta Maomé e os califas e dinastias islâmicas	660
Reis cruzados de Jerusalém, 1099-1291	662
A dinastia hachemita (xerifiana), 1916-	663

MAPAS

O reino de Davi e Salomão, e reinos de Israel e Judá, 1000-586 a.C.	665
Os impérios, 586 a.C.-1683 d.C.	666
Jerusalém no século I d.C. e a Paixão de Jesus	668
Os reinos cruzados, 1098-1489	669
Jerusalém mameluca e otomana, 1260-1917	670
O Acordo Sykes-Picot, 1916	671
O sonho imperial do xerife Hussein, 1916	671
Plano da ONU, 1947	672
Israel desde 1948	673
Jerusalém: a Cidade Velha.....	674
Jerusalém no início do século XX.....	675
Agradecimentos	677
Notas	683
Bibliografia	737
Créditos das imagens	761
Índice remissivo	765

I. JUDAÍSMO

I. O mundo de Davi

OS PRIMEIROS REIS: CANANEUS

Quando Davi capturou a cidadela de Sião, Jerusalém já era antiga. Não chegava a ser exatamente uma cidade, mas apenas uma pequena fortaleza de montanhas numa terra que teria muitos nomes — Canaã, Judá, Judeia, Israel, Palestina, a Terra Santa dos cristãos, a Terra Prometida dos judeus. Esse território, de apenas 160 por 240 quilômetros, fica entre o canto sudeste do Mediterrâneo e o rio Jordão. Sua exuberante planície costeira oferecia o melhor caminho para invasores e mercadores entre o Egito e os impérios do Oriente. Mas a isolada e remota cidade de Jerusalém, a 48 quilômetros do ponto mais próximo da costa, longe de todas as rotas comerciais, erguia-se em meio à desolação de rochas douradas dos penhascos, desfiladeiros e pedras soltas dos montes da Judeia, exposta a invernos gélidos, por vezes nevosos, e a verões de calor escorchante. Apesar disso, havia segurança no topo daqueles montes hostis, e embaixo, no vale, havia uma fonte suficiente para abastecer uma cidade.

A imagem romântica da cidade de Davi é mais vívida do que quaisquer fatos historicamente comprováveis. Na névoa da pré-história de Jerusalém, fragmentos de cerâmica, túmulos espectrais cortados na rocha, pedaços de muro, inscrições nos palácios de reis distantes e a literatura sagrada da Bíblia só podem

oferecer lampejos fugazes de vida humana numa obscuridade invencível, separados por centenas de anos. As pistas esporádicas que aparecem lançam uma luz trêmula sobre algum momento aleatório de uma civilização desaparecida, seguido por séculos de uma vida sobre a qual nada sabemos — até que a próxima centelha ilumine outra imagem. Só as fontes, as montanhas e os vales continuam os mesmos, e até eles têm sido redirecionados, esculpido novamente e reabastecidos por milênios de ação climática, escombros e esforço humano. Muito ou pouco, uma coisa é certa: à época do rei Davi, a santidade, a segurança e a natureza tinham combinado para fazer de Jerusalém um refúgio antigo, tido como inexpugnável.

Povos já viviam ali desde 5000 a.C. No começo da Idade do Bronze, por volta de 3200 a.C. — quando a mãe das cidades, Uruk, que viria a ser o Iraque, já abrigava 40 mil moradores, e a vizinha Jericó era uma cidade fortificada —, pessoas enterravam seus mortos em túmulos nos morros de Jerusalém e começaram a construir pequenas casas quadradas, no que era provavelmente uma aldeia murada, numa colina acima de uma fonte. Essa aldeia foi então abandonada durante muitos anos. Jerusalém mal existia no tempo em que os faraós egípcios do Antigo Reino elevaram ao auge a construção de pirâmides e concluíram a Grande Esfinge. Então nos anos 1900 a.C. — época em que a civilização minoica florescia em Creta, o rei Hamurabi estava prestes a compilar seu código legal na Babilônia e os bretões rezavam em Stonehenge —, algumas cerâmicas, cujos fragmentos foram descobertos perto de Luxor, no Egito, mencionam uma cidade chamada Ursalim, uma versão de Salém ou Shalem, deus da estrela Vésper. O nome pode significar “Salém fundou”.*

Em Jerusalém, um assentamento crescera em torno da fonte de Gion: os habitantes cananeus abriram um canal na pedra que levava a uma poça dentro dos muros da cidadela. Uma passagem subterrânea fortificada protegia o acesso à água. As últimas escavações arqueológicas no sítio revelam que eles protegeram a fonte com uma torre e um muro maciço, de sete metros de espessura, usando

* Os faraós egípcios desejavam dominar Canaã nessa época, mas não está claro se chegaram a fazê-lo. Pode ser que tenham usado esses símbolos de cerâmica para amaldiçoar os destemidos governantes de seus inimigos ou para expressar suas aspirações. As teorias sobre esses fragmentos mudaram diversas vezes, mostrando que a arqueologia é tão interpretativa quanto científica. Há muito tempo, acreditava-se que os egípcios quebravam esses vasos ou figuras para amaldiçoar ou execrar os lugares neles mencionados — motivo pelo qual são conhecidos como textos de Execração.

pedras de três toneladas. A torre pode também ter servido como um templo para celebrar a santidade cósmica da fonte. Em outras partes de Canaã, reis sacerdotais construíram torres-tempos fortificados. Morro acima, restos do muro de uma cidade foram encontrados, o mais antigo em Jerusalém. Os cananeus acabaram se revelando construtores numa escala mais impressionante do que quaisquer outros em Jerusalém antes de Herodes, o Grande, que veio quase 2 mil anos depois.¹

Os hierosolimitas tornaram-se súditos do Egito, que tinha conquistado a Palestina em 1458 a.C. Guarnições egípcias protegiam as vizinhas Jaffa e Gaza. Em 1350 a.C., o assustado rei de Jerusalém suplicou a seu soberano, Akhenaton, o faraó do Novo Reino do Egito, que lhe mandasse ajuda — até mesmo “cinquenta arqueiros” — para defender seu pequeno reino das agressões dos reis vizinhos e de bandos de saqueadores. O rei Abdi-Hepa chamava a cidadela de “a capital da Terra de Jerusalém, cujo nome é Beit Shulmani”, a Casa do Bem-Estar. Talvez esteja na palavra Shulman a origem do “Salém” presente no nome da cidade.

Abdi-Hepa era um insignificante potentado num mundo dominado pelos egípcios ao sul, pelos hititas ao norte (onde hoje fica a Turquia) e a noroeste pelos gregos miceneus, que travariam a Guerra de Troia. O primeiro nome do rei era semita — os semitas eram os muitos povos e línguas do Oriente Médio supostamente descendentes de Sem, filho de Noé. Portanto, Abdi-Hepa poderia ser oriundo de qualquer parte do nordeste do Mediterrâneo. Suas súplicas, encontradas no arquivo do faraó, são apavoradas e bajulatórias, e são também as primeiras palavras de um hierosolimita de que se tem conhecimento:*

Aos pés do rei eu me joguei sete e sete vezes. Eis o que Milkily e Shuwardatu fizeram contra a terra — eles comandaram as tropas de Gezer [...] contra a lei do rei [...]. A terra do rei foi para os habirus [desordeiros saqueadores]. E agora uma cida-

* Estas são algumas das 380 cartas, escritas em babilônio em placas de barro cozido, por chefes militares locais para o herético faraó Amenhotep IV (1352-1336), que instituiu o culto ao Sol em substituição ao tradicional panteão de numerosos deuses egípcios: ele mudou seu próprio nome para Akhenaton. O arquivo real de seu Ministério do Exterior, a Casa da Correspondência do Faraó, foi descoberto em 1887 em sua nova capital, Akhetaten, hoje El-Amarna, ao sul do Cairo. Uma teoria sugere que os habirus foram os primeiros hebreus/israelitas, mas a palavra de fato aparece em todo o Oriente Médio naquela época para designar esses saqueadores — a palavra babilônia significa simplesmente “errante”. É possível que os hebreus descendam de um pequeno grupo de habirus.

de pertencente a Jerusalém foi para os homens de Qiltu. Que o rei dê ouvidos a Abdi-Hepa, seu servo, e mande arqueiros.

Nada mais ouvimos a respeito disso, mas o que quer que tenha acontecido com esse rei acuado, o fato é que pouco mais de um século depois os hierosolimitas construíram íngremes estruturas em forma de terraço sobre a fonte de Giom, na colina Ofel, que ainda hoje sobrevivem e que serviram de alicerce de uma cidadela ou templo de Salém.² Esses poderosos muros, torres e terraços eram parte da cidadela cananea conhecida como Sião, que Davi tomaria. Em algum momento do século XIII a.C., um povo chamado jebuseu ocupou Jerusalém. Mas a essa altura o velho mundo mediterrâneo era esfacelado por levas dos chamados Povos do Mar, vindos do Egeu.

Nessa tempestade de incursões e migrações, os impérios retrocederam. Os hititas caíram; Micenas foi misteriosamente destruída; o Egito estava abalado — e um povo chamado hebreu aparece pela primeira vez.

ABRAÃO EM JERUSALÉM: ISRAELITAS

Essa nova “Idade das Trevas”, que durou três séculos, permitiu aos hebreus — também conhecidos como israelitas, povo obscuro que adorava um único Deus — que se estabelecessem e construíssem um reino na estreita faixa de terra de Canaã. O progresso desse povo é iluminado por histórias da criação do mundo, de suas origens e de suas relações com Deus. Eles passaram adiante essas tradições, que então foram registradas em textos sagrados em hebraico, posteriormente coligidos e ordenados nos cinco livros de Moisés, o Pentateuco, a primeira seção das escrituras judaicas, o Tanakh. A Bíblia tornou-se o livro dos livros, mas não é um documento uno. É uma biblioteca mística de textos entrelaçados, escritos por autores desconhecidos, que os redigiram e editaram em diferentes épocas, com objetivos vastamente divergentes.

Essa obra sagrada de tantas épocas e de tantas mãos contém alguns fatos de história passível de comprovação, algumas histórias de mitos impossíveis de comprovar, alguma poesia de sublime beleza e muitas passagens de mistério ininteligível — talvez codificado, talvez apenas mal traduzido. A maior parte é escrita não para relatar acontecimentos, mas para promover uma verdade mais

alta: a relação de um povo com seu Deus. Para o crente, a Bíblia é simplesmente o fruto da revelação divina. Para o historiador, é uma fonte contraditória, pouco confiável e repetitiva,* mas ainda assim inestimável e geralmente a única à nossa disposição — e é também, para todos os efeitos, a primeira e suprema biografia de Jerusalém.

De acordo com o Gênesis, primeiro livro da Bíblia, o patriarca fundador dos hebreus foi Abraão — que é mostrado viajando de Ur (onde hoje é o Iraque) para se estabelecer em Hebron. Era em Canaã, a terra a ele prometida por Deus, que lhe deu o novo nome de “Pai dos Povos” — Abraão. Em suas viagens, Abraão foi recebido por Melquisedeque, o rei-sacerdote de Salém em nome de El Elyon, o Deus Altíssimo. Como primeira menção à cidade na Bíblia, isso sugere que Jerusalém já era um santuário cananeu governado por reis-sacerdotes. Depois, Deus testou Abraão ordenando-lhe que sacrificasse o filho Isaac numa montanha na “terra de Moriá” — identificada como monte Moriá, o monte do Templo de Jerusalém.

Jacó, o neto arteiro de Abraão, usou de manhas para ficar com sua herança, mas se redimiou numa disputa corpo a corpo com um estrangeiro que não era outro senão Deus, vindo desse episódio seu novo nome, Israel — o que luta contra Deus. Foi um nascimento apropriado para o povo judeu, cujas relações com Deus seriam intensas e atormentadas. Israel foi pai dos fundadores das doze tribos que emigraram para o Egito. Há tantas contradições nas histórias dos chamados patriarcas que é impossível datá-los historicamente.

Depois de 430 anos, o Livro do Êxodo descreve os israelitas oprimidos como escravos construindo as cidades do faraó e escapando milagrosamente do Egito com a ajuda de Deus (ainda celebrada pelos judeus no festival da Páscoa judaica), sob o comando de um príncipe hebreu chamado Moisés. Quando erravam pelo Sinai, Deus revelou a Moisés os Dez Mandamentos. Se os israelitas vivessem e adorassem segundo essas regras, Deus prometeu que lhes daria a terra de Canaã. Querendo conhecer a natureza desse Deus, Moisés Lhe perguntou: “Qual é o Seu

* A Criação aparece no Gênesis em 1,1; 2,3; 2,4-25. Há duas genealogias de Adão, duas histórias de dilúvio, duas capturas de Jerusalém, duas histórias nas quais Deus muda o nome de Jacó para Israel. Há muitos anacronismos — por exemplo, a presença dos filisteus e dos arameus no Gênesis quando ainda não tinham chegado a Canaã. Os camelos como animais de carga aparecem cedo demais. Especialistas acreditam que os primeiros livros bíblicos foram escritos por grupos de escritores separados, um que enfatizava El, o Deus dos cananeus, e outro que destacava Jeová, o Deus único israelita.

nome?”. E então recebeu a resposta majestosamente hostil: “EU SOU O QUE SOU” — um Deus sem nome, traduzido em hebraico como YHWH : Yahweh, ou, como os cristãos escreveriam mais tarde, com erro de ortografia, Jeová.*

Muitos semitas se fixaram no Egito; Ramsés II, o Grande, foi provavelmente o faraó que obrigou os hebreus a trabalharem em suas cidades-armazéns; o nome de Moisés era egípcio, o que sugere pelo menos que teve ali sua origem; e não há motivo para duvidar que o primeiro líder carismático das religiões monoteístas — Moisés ou alguém como ele — recebeu essa revelação, pois é assim que as religiões começam. A tradição de um povo semita que escapou da repressão é plausível, embora difícil de datar.

Moisés vislumbrou a Terra Prometida do alto do monte Nebo, mas morreu antes de entrar. Foi seu sucessor Josué que conduziu os israelitas para Canaã. A Bíblia apresenta a jornada dos israelitas como uma sangrenta movimentação e uma colonização gradual. Não há provas arqueológicas de uma conquista, mas colonos pastoris de fato encontraram muitas aldeias não muradas nos planaltos da Judeia.** Um pequeno grupo de israelitas, que escapou do Egito, provavelmente estava entre eles. Unia-os a adoração de um Deus — Yahweh —, que reverenciavam num templo móvel, um tabernáculo contendo a sagrada arca de madeira conhecida como Arca da Aliança. Talvez tenham construído sua identidade contando histórias sobre os patriarcas fundadores. Muitas dessas tradições, desde Adão e do Jardim do Éden até Abraão, seriam posteriormente veneradas não apenas por judeus, mas também por cristãos e muçulmanos — e localizadas em Jerusalém.

Os israelitas estavam agora, pela primeira vez, bem perto da cidade.

* Quando o Templo foi erguido em Jerusalém, só o sumo sacerdote, uma vez por ano, podia pronunciar o tetragrama YHWH , e ainda hoje os judeus são proibidos de dizê-lo, preferindo usar Adonai (Senhor), ou apenas HaShem (o Nome indizível).

** A invasão israelita de Canaã é um campo de batalha de teorias complexas, geralmente de comprovação impossível. Mas parece que a invasão de Jericó, cujos muros foram destruídos pelas trombetas de Josué, é um mito: Jericó era mais antiga que Jerusalém. (Em 2010, a Autoridade Palestina comemorou seu aniversário de 10 mil anos — muito embora a data seja aleatória.) No entanto, Jericó ficou temporariamente desabitada, e não há provas de muros caídos. É difícil aceitar em termos literais a Hipótese da Conquista, pois a luta (como narrada no Livro de Josué) em geral ocorre numa área muito pequena. De fato, Betel, perto de Jerusalém, é uma das poucas cidades conquistadas no Livro dos Juízes que foi realmente destruída no século XIII. Os israelitas talvez tenham sido mais pacíficos e tolerantes do que alegam.

2. A ascensão de Davi

O JOVEM DAVI

Josué estabeleceu seu quartel-general ao norte de Jerusalém, em Siquém, onde construiu um santuário dedicado a Yahweh. Jerusalém era a terra dos jebuseus, governada pelo rei Adonizedeque, nome que sugere um rei-sacerdote. Adonizedeque tentou resistir a Josué, mas foi derrotado. No entanto, “não puderam os filhos de Judá expulsar os jebuseus”, que “habitaram Jerusalém com os filhos de Judá até o dia de hoje”. Por volta de 1200 a.C., Merneptah, filho de Ramsés, o Grande, e talvez o faraó que foi obrigado a libertar os israelitas de Moisés, enfrentou ataques dos Povos do Mar — atirando os velhos impérios do Oriente Próximo num estado de incerteza. O faraó fez uma incursão a Canaã para restaurar a ordem. Quando voltou para casa, inscreveu seu triunfo nos muros do templo tebano, declarando que tinha derrotado os Povos do Mar e recapturado Ascalon — e massacrado um povo que aqui aparece na história pela primeira vez: “Israel está devastado, e sua semente não existe”.

Israel ainda não era um reino. O Livro dos Juízes conta que era uma confederação de tribos governada por anciãos que agora se viam desafiados por um novo inimigo: os filisteus, parte dos Povos do Mar, que vieram do Egeu. Eles conquistaram a costa de Canaã, construindo cinco ricas cidades onde teciam rou-

pas, produziam objetos de cerâmica vermelha e preta e adoravam numerosos deuses. Os israelitas, pastores das montanhas oriundos de pequenas aldeias, não eram páreo para esses sofisticados filisteus, cuja infantaria usava peitorais, grevas (armaduras para as pernas) e elmos ao estilo dos gregos, e utilizavam armas para combate cerrado que desafiavam as desajeitadas quadrigas dos egípcios.

Os israelitas escolhiam chefes militares carismáticos — os juízes — para combater os filisteus e cananeus. Em dado momento, um negligenciado versículo do Livro dos Juízes alega que os israelitas tomaram e incendiaram Jerusalém; se isso ocorreu, não conseguiram manter as posições fortificadas.

Na Batalha de Ebenezer, aproximadamente em 1050 a.C., os filisteus esmagaram os israelitas, destruíram seu santuário em Siló, capturaram a Arca da Aliança, o símbolo sagrado de Yahweh, e avançaram pelas terras montanhosas em volta de Jerusalém. Diante da possibilidade de aniquilação e desejosos de serem “como outras nações”, os israelitas decidiram eleger um rei, escolhido por Deus.¹ Procuraram seu idoso profeta, Samuel. Profetas não eram adivinhos do futuro, mas analistas do presente — a palavra grega *propheteia* significa a interpretação da vontade dos deuses. Os israelitas precisavam de um comandante militar: Samuel escolheu um jovem guerreiro, Saul, a quem ungiu com óleo sagrado. Governando a partir da cidadela de Gibeão (Tell al-Ful), que ficava no topo de um morro e apenas cinco quilômetros ao norte de Jerusalém, esse “capitão do meu povo de Israel” justificou sua escolha derrotando os moabitas, edomitas e filisteus. Mas Saul não estava preparado para o trono: “Atormentava-o um espírito maligno da parte do Senhor”.

Samuel, vendo-se diante de um rei mentalmente instável, continuou a procurar em segredo. Percebeu a bênção do gênio entre os oito filhos de Jessé de Belém: Davi, o mais jovem, “era ruivo, de belos olhos e formosa aparência. E o Senhor disse: Levanta-te e unge-o, porque é este mesmo”. Davi também “sabe tocar, é valente e vigoroso, e homem de guerra, prudente em palavras”. Ele tornar-se-ia o mais notável e bem desenvolvido personagem do Velho Testamento. O criador da Jerusalém sagrada era poeta, conquistador, assassino, adúltero, a essência do rei santo e do aventureiro cheio de defeitos.

Samuel levou o jovem Davi para a corte onde o rei Saul o designou um dos seus escudeiros. Quando o rei era afligido pela loucura, Davi exibia seu primeiro dom de Deus: tocava harpa, e “então Saul sentia alívio”. Os talentos musicais de

Davi são um importante elemento de seu carisma: alguns dos Salmos a ele atribuídos talvez sejam mesmo de sua autoria.

Os filisteus avançaram para o vale de Elá. Saul enfrentou-os com seu exército. Os filisteus produziram um gigantesco campeão, Golias de Gat,* cuja armadura completa contrastava com os frágeis apetrechos dos israelitas. Saul temia uma batalha campal, e por isso deve ter ficado aliviado, embora descrente, quando Davi exigiu que lhe dessem uma chance de derrotar Golias. Davi escolheu “cinco pedras lisas do regato” e, girando sua funda, “arremessou [uma pedra], ferindo o filisteu na testa; e a pedra se lhe cravou na testa”.** Decapitou o campeão caído e os israelitas perseguiram os filisteus até sua cidade de Acaron. Seja qual for a verdade contida nessa história, o que ela quer dizer é de que forma o menino Davi fez seu nome como guerreiro.***

Saul promoveu Davi, mas as mulheres nas ruas cantavam: “Saul matou milhares; Davi, dezenas de milhares”. O filho de Saul, Jônatas, fez amizade com Davi, e sua filha Mical o amava. Saul deu permissão para que se casassem, mas foi atormentado pelo ciúme: tentou duas vezes matar o genro com dardos. A princesa Mical salvou a vida de Davi, deixando-o sair por uma janela do palácio, e depois ele obteve asilo com os padres de Nobe. O rei o perseguiu, matando todos os sacerdotes, exceto um; mas Davi escapou novamente, passando a viver como chefe fugitivo de seiscentos bandoleiros. Duas vezes ele se aproximou furtivamente do rei que dormia, mas lhe poupou a vida, fazendo Saul chorar: “És mais justo do que eu”.

Finalmente Davi passou para o lado do rei filisteu de Gat, que lhe deu sua cidade, Ziclague. Os filisteus novamente invadiram Judá e derrotaram Saul no monte Gilboa. O filho Jônatas foi morto e o rei se jogou sobre a própria espada.

* Assim como a palavra “filisteu”, graças à Bíblia, entrou na linguagem corrente para descrever a falta de cultura (apesar de sua sofisticação cultural), o povo de Gat, conhecido como “git”, também entrou na fala popular de língua inglesa [com o significado de indivíduo desprezível]. Mas os filisteus deram seu nome à terra que se tornou a Palestina romana, depois Palestina.

** A funda não era um brinquedo infantil, mas uma arma poderosa: em inscrições em Beni Hasan, no Egito, fundibulários aparecem ao lado de arqueiros na batalha. Inscrições reais no Egito e na Assíria mostram que contingentes de fundibulários eram unidades regulares dos exércitos imperiais no mundo antigo. Acredita-se que fundibulários hábeis eram capazes de atirar pedras lisas do tamanho de bolas de tênis a velocidades de 160 a 240 quilômetros por hora.

*** “Davi” era seu nome de guerra ou nome de rei? A Bíblia conta duas vezes a história de Davi, e na segunda versão chama o menino herói israelita de El-Hanã. Seria o verdadeiro nome de Davi?